

WILMA KARLA DOS SANTOS RIBEIRO
Curso de Psicopedagogia

**FAMÍLIA E ESCOLA – UMA PARCERIA NECESSÁRIA AO
DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA AUTISTA**

Orientadora: Prof^ª. Ms. Márcia Paiva de Oliveira

Universidade Federal da Paraíba

João Pessoa
2014

FAMÍLIA E ESCOLA – UMA PARCERIA NECESSÁRIA AO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA AUTISTA

“Eu não sou difícil de ler
Faça sua parte
Eu sou daqui, eu não sou de Marte
Vem, cara, me repara
Não vê, tá na cara, sou porta-bandeira de mim
Só não se perca ao entrar
No meu infinito particular”
Arnaldo Antunes, Marisa Monte, Carlinhos Brown
Infinito Particular

RESUMO

Este artigo retrata um Estudo de Caso, que teve como objetivo principal analisar como a parceria da família e escola pode contribuir no desenvolvimento cognitivo e psicossocial da criança autista. Para a consecução de tal objetivo, procuramos conhecer a percepção da família e da escola acerca do desempenho escolar da criança; identificar quais as estratégias utilizadas para a integração família-escola, no que diz respeito à comunicação. Participou do estudo uma criança autista, usuária da CAPp- UFPB (Centro de Atendimento Psicopedagógico – UFPB). Para contemplar os objetivos da investigação, em um segundo momento, foi realizada uma entrevista semi-estruturada, com a mãe da criança e a professora da mesma, contendo questões subjetivas sobre a colaboração da família e escola acerca do desenvolvimento escolar da criança, envolvendo temas como: relacionamentos entre pais-professor; pais-aluno; professor-aluno. Os achados indicaram que a relação entre família e escola é de fundamental importância para o desenvolvimento cognitivo e psicossocial da criança autista. Pode-se observar que esta relação contribuiu, de forma significativa, no desenvolvimento escolar da criança participante do estudo. Conclui-se que, independente de ter ou não uma criança com dificuldades e limitações, a família e a escola precisam andar juntas, assim os vínculos construídos nesta relação revelam-se importantes e são de grande valia na aprendizagem da criança autista.

Palavras-chave: Autismo. Família. Escola.

ABSTRACT

This article shows a case study that aimed to examine how family and school partnership can contribute to cognitive and psychosocial development of the autistic child. To achieve this goal, we seek to know the perception of family and school on the school performance of the child; identify the strategies used to integrate family-school, in regards to communication. Participated in the study an autistic child, the user CAPp- UFPB (Center Psicopedagógico Service - UFPB). To address the objectives of the research, in a second moment, a semi-structured interview with the child's mother and a teacher of the same, containing subjective questions regarding the collaboration of family and school on the school child development was carried out, involving themes such as parent-teacher relationships; parent-student; teacher-student. The findings indicated that the relationship between family and school is crucial for cognitive and psychosocial development of the autistic child. It can be seen that this relationship contributed significantly to the development of school children participating in the study. We conclude that, regardless of whether or not a child with difficulties and limitations, the family and the school must go together, so the ties built up this relationship reveal important and are of great value in learning the autistic child.

Keywords: Autism. Family. School.

INTRODUÇÃO

Este estudo teve como finalidade analisar como a parceria da família e escola pode contribuir no desenvolvimento cognitivo e psicossocial da criança autista. Portanto, o fenômeno de pesquisa desse estudo é o autismo. A escolha do tema Autismo se deu a partir da curiosidade científica e a vontade de contribuir com estudos nessa área também foram fatores motivadores. Muitos estudos sobre o autismo têm sido publicados, mas enfocando a Psicopedagogia ainda são poucos. Mesmo sendo este tema relevante para a formação do psicopedagogo. Outro foco de interesse foi o usuário do CAPp (UFPB) que esteve sob os meus cuidados psicopedagógicos por ocasião do estágio Supervisionado Clínico.

O autismo atinge um número significativo de pessoas, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), cerca de 70 milhões de pessoas são acometidas pelo transtorno, sendo que no Brasil o autismo atinge quase 2 milhões de pessoas. Em crianças, o autismo é mais incidente que o câncer, a AIDS e o diabetes.

É comum no indivíduo autista a dificuldade de socialização, essa dificuldade que a criança tem de se relacionar com os outros indivíduos, vai repercutir no seu desenvolvimento e, conseqüentemente, no seu desempenho escolar. Em face desta realidade, pretende-se com este trabalho encontrar respostas ao seguinte questionamento: “A colaboração entre pais e professores influencia no desenvolvimento cognitivo e psicossocial da criança autista?”.

Sendo assim, esse estudo trata-se de um Estudo de Caso, com base em atendimentos realizados pela pesquisadora, em situação de Estágio Supervisionado em Psicopedagogia, sob a supervisão de uma professora da instituição e da orientadora, ambas professoras da Universidade Federal da Paraíba. Os atendimentos que serviram de suporte para essa pesquisa têm como paciente uma criança de 09 anos de idade, com síndrome do Espectro Autista. O estudo analisou as percepções da família e da professora acerca do desenvolvimento cognitivo e psicossocial da criança, tendo como principal objetivo verificar como a parceria da família e escola pode contribuir no desenvolvimento cognitivo e psicossocial da criança. Para a consecução de tal objetivo procuramos conhecer a percepção da família e da escola acerca do desempenho escolar da criança; identificar quais as estratégias utilizadas para a integração família-escola no que diz respeito à comunicação.

COMPREENDENDO O AUTISMO SEGUNDO A LITERATURA

O termo autismo foi utilizado pela primeira vez por Eugene Bleuler, em 1911, para designar a perda do contato com a realidade, acarretando em grande dificuldade ou impossibilidade de

comunicação, sendo observado este comportamento nos pacientes diagnosticados com quadro de esquizofrenia naquela ocasião. (SILVA, 2012).

Em 1943, Leo Kanner, também psiquiatra, definiu o autismo como “Distúrbios Autísticos de Contato Afetivo”. O aspecto mais marcante nos estudos de Kanner descrevia uma anormalidade inata no comportamento social, “o isolamento ou afastamento social”, o mutismo e/ou a ecolalia são características observadas. Hans Asperger, médico vienense, em 1944, publicou em seu país um artigo no qual descrevia que a característica fundamental do autista é a limitação de suas relações sociais, também assinalava as estranhas pautas expressivas e comunicativas dos autistas. (COLL e *et all*, 2004).

Surgindo nos primeiros anos de vida, proveniente de causas genéticas ou por uma síndrome ocorrida durante o período do desenvolvimento da criança, o autismo caracteriza-se por um conjunto de sintomas que afeta as áreas da comunicação, socialização e do comportamento, sendo a da socialização mais comprometida. Entende-se que o autismo não é uma doença, mas sim um transtorno global do desenvolvimento infantil, que se manifesta antes dos três anos de idade e se prolonga por toda vida.

Embora a fundamental semelhança sobre as características de isolamento e limitações nas relações sociais, algumas diferenças foram observadas e aprofundadas nos grupos estudados e o enfoque de suas pesquisas tiveram direcionamentos diferenciados, levando em consideração também o conhecimento histórico de que Hans Asperger não conhecia o artigo de Kanner, assim como a publicação de Asperger era praticamente desconhecido fora dos círculos restritos da língua alemã, apenas em 1991 esse artigo foi traduzido para o Inglês. (COLL e *et all*, 2004).

Algumas características do indivíduo autista são descritas e elencadas por Leo Kanner e Hans Asperger (1943) e que são relevantes até os dias atuais, para a observação das crianças que apresentam comportamentos diferentes. Podemos pontuar essas características na seguinte forma: 1. Nas relações sociais e efetivas Kanner destaca “[...] a incapacidade para relacionar-se normalmente com as pessoas e as situações” (1943, P. 20). Asperger coloca que a limitação de suas relações sociais implica para que “[...] toda personalidade dessas crianças é determinada por tais limitações” (p. 77). 2. Na comunicação e na linguagem, Leo Kanner registra “[...] a ausência da linguagem (mutismo) em algumas crianças, em outras a presença de ecolalia”. Já Hans Asperger em seus registros descreve “[...] estranhas pautas expressivas e comunicativas, anomalias prosódicas e pragmáticas”. 3. No comportamento e atitudes no ambiente Leo Kanner descreve a inflexibilidade, a rígida aderência a rotinas e a insistência das crianças autistas na igualdade. Para Asperger as crianças observadas apresentavam “[...] tendência a guiar-se de forma alheia as condições do meio”. 4. A memória e pensamento das crianças observadas por Kanner registra a “[...] capacidade surpreendente de alguns em memorizar grande quantidade de material sem sentido ou efeito

prático”. E Hans Asperger destaca a compulsividade e caráter obsessivo de seus pensamentos. (COLL e *et all*, 2004)

Tais observações destacadas anteriormente dos casos de Leo Kanner e Hans Asperger apresentam semelhanças e diferenças que nos interessam conhecer para que nosso olhar tenha um direcionamento coerente e fundamentado em teorias que nos possibilitam conhecer o universo autista. No que se refere as diferenças, cabe ressaltar que Asperger preocupava-se com o aspecto educacional dessas crianças, preocupação que não era pauta nos estudos de Kanner.

Podemos ainda destacar que entre as crianças observadas por Kanner e Asperger, no que diz respeito ao desenvolvimento da comunicação e da linguagem, que posteriormente, essas diferenças caracterizaram quadros distintos que atualmente são diagnosticados como autismo e o transtorno de Asperger. Uma semelhança marcante para ambos os pesquisadores era a de que o autismo era ”fascinante” no que diz respeito ao comportamento isolado e as limitações nas relações sociais dessas crianças.

Coll (2004) destaca que, nos últimos anos ocorreram mudanças importantes, que nos permitem definir uma terceira etapa no enfoque do autismo. A mudança principal no enfoque geral do autismo consiste em sua consideração de uma perspectiva evolutiva, como o transtorno do desenvolvimento. O conceito do Autismo se modificou desde sua descrição inicial, passando a ser denominado: Transtorno Invasivo do Desenvolvimento, depois Transtorno Global do Desenvolvimento, recentemente, denominado Transtorno do Espectro autista, incluindo ainda Autismo e Síndrome de Asperger, e Transtorno Global do Desenvolvimento sem outra especificação.

Portanto, o autismo se tornou atualmente um tema recorrente de pesquisas em diversas áreas. Para a Psicopedagogia, é um campo de pesquisa que direciona seu olhar para o desenvolvimento cognitivo e das relações sociais no ambiente clínico, familiar e escolar, formando uma parceria com a educação, onde a inclusão escolar é foco de estudos e ações para inserir o autista no cotidiano dessa instituição. Para Rivière, 1943, *apud* Coll, 2004, o tratamento mais eficaz do autismo de que dispomos atualmente é a educação.

A CRIANÇA AUTISTA NA ESCOLA

Entendemos por escola não só uma instituição formal de ensino, mas como uma comunidade educativa, constituída por alunos, professores, pessoal não docente, pais / encarregados de educação, um local de aprendizagem e de formação de todos os intervenientes, que desenvolva estratégias e mobilize recursos no sentido de assegurar uma formação geral a todas as crianças. Concordamos com Neves (2009) que a escola é um espaço onde todos os constituintes podem partilhar dos mesmos direitos e oportunidades que garanta o desenvolvimento das suas capacidades,

aptidões e sentido moral, promovendo assim a realização individual, conforme os valores da solidariedade social, onde docentes e não docentes identifiquem as suas necessidades de formação e se desenvolvam estratégias para satisfazê-las, criando em todos os intervenientes na ação educativa o gosto pelo saber e pela constante evolução do conhecimento. (NEVES, 2009).

É no cenário familiar que a criança, nos seus primeiros anos, aprende sobre o seu papel social, ou seja, é informada do papel que deverá desempenhar no contexto familiar, o que seria ampliado para o âmbito escolar e comunitário. Socializar-se-ia na medida em que, através das ações (inclusive linguísticas), comunica-se, estar ciente de seu papel e começasse, pouco a pouco, a representá-lo. Responder a quem lhe dirige a palavra, é algo que o bebe aprende bem cedo, através das gratificações sociais que recebe ao fazê-lo. Ele aprende que esta “se portando como deveria”. (BASÍLIO E MOREIRA, 2014).

Com crianças Autistas esse processo ocorre de maneira mais lenta para alguns, pouco mais rápido para outros; nesse processo é importante que o comportamento dos pais ajude a criança a entender o que pode ou não fazer. A família dá início a esse processo importante da socialização e inclusão. A escola é tão importante quanto a família para dar continuidade a esse trabalho.

Sendo a escola um lugar apropriado para qualquer aluno desenvolver suas habilidades e superar seus limites, este é um rico espaço que possibilita o aprendizado por meio de interação e do interesse. Nesse sentido, fica claro então que a inclusão de crianças autista será essencial para o seu desenvolvimento. Inserir essas crianças em uma sala de aula é a melhor forma de estimular suas capacidades cognitivas e psicossociais. A escola deve educar, também, para o desenvolvimento da autonomia do indivíduo abrangendo toda a complexidade que há na individualidade de cada um. (OLIVEIRA e *et all*, 2014).

Corroborando com o exposto, Cunha (2012) enfatiza que:

Para o aluno com autismo, a princípio, o que importa não é tanto a capacidade acadêmica, mas sim a aquisição de habilidades sociais e autonomia. A atribuição do educador é a de promover e dispor de uma série de condições educativas em um ambiente expressamente preparado. (p.34)

O ingresso de uma criança autista em escola regular é um direito garantido por lei, como aponta o capítulo V da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que trata sobre a Educação Especial. Além da LDB, a Constituição Federal, a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, Estatuto da Criança e do Adolescente e o Plano Viver sem Limites (Decreto 7.61/11) também asseguram o acesso à escola regular para o autista e outros indivíduos com deficiência.

Proporcionar às crianças com autismo oportunidades de conviver com outras da mesma faixa etária possibilita o estímulo às suas capacidades interativas, impedindo o isolamento contínuo.

Além disso, as habilidades sociais são passíveis de serem adquiridas pelas trocas que acontecem no processo de aprendizagem social. Entretanto, esse processo requer respeito às singularidades de cada uma. As crianças com desenvolvimento típico fornecem, entre outros aspectos, modelos de interação para as crianças com autismo, ainda que a compreensão social destas últimas seja difícil. (SANTOS e Coll, 2012).

Além da relação professor aluno, as estratégias inclusivas devem acionar a comunidade escolar e os familiares dos estudantes. É importante garantir momentos para que todos discutam a questão e possam pensar de forma conjunta ações concretas para que a inclusão aconteça.

Por isso, mais do que a aprendizagem em si, é preciso se ater à qualidade de ensino oferecida. É necessário um plano de ensino que respeite a capacidade de cada aluno e que proponha atividades diversificadas para todos e considere o conhecimento que cada aluno traz para a escola. É fundamental se afastar de modelos de avaliação escolar: que se baseiam em respostas pré-definidas ou que vinculam o saber às boas notas. Essa, é uma postura de escola seletiva que não prima pela diversidade no contexto escola, ou seja, não é uma escola inclusiva. (BASÍLIO e MOREIRA, 2014).

Nesse sentido, segundo Oliveira e *et all* (2014), o professor terá um importante papel na vida dessas crianças, seu empenho pode fazer uma enorme diferença na vida deles, é pertinente que cada educador reavalie sua prática, observando os pontos fracos de seu aluno e colocar em prática as estratégias. Mais do que ensinar, a escola possui o importante papel de ser o local dos primeiros grupos sociais dos pequenos. Lá eles encontrarão outras crianças que, por vezes, os acompanharão pela vida por muitos anos.

Para Vygotsky (2007, *apud* CUNHA 2012, p. 55):

O ambiente escolar é surpreendentemente progressivo no estímulo de vivências, quando preparado e adequado à diversidade discente. Educar na diversidade e para a diversidade é um desafio que nós teremos de suplantar neste contexto plural de interesses, de afetos e conhecimentos.

Quando não há ambiente apropriado e condições adequadas à inclusão, a possibilidade de ganhos no desenvolvimento cede lugar ao prejuízo para todas as crianças. Isso aponta para a necessidade de reestruturação geral do sistema social e escolar, para que a inclusão se efetive. Diante de uma inclusão adequada, mesmo que uma criança apresente deficiências cognitivas importantes e apresente dificuldades em relação aos conteúdos do currículo da educação comum, como pode ser o caso do autismo, ela pode beneficiar-se das experiências sociais. O aprendizado de coisas simples do cotidiano, como conhecer-se e estabelecer relações, podem torná-las mais autônomas e independentes, podendo conquistar seu lugar na família, na escola e na sociedade. (CAMARGO e BOSA, 2009)

Vale ressaltar, que é importante que os professores que atendem crianças autistas, tenham apoio externo e orientação por especialistas. É igualmente relevante a troca de experiências, através de leituras informativas, debates e estudo de caso na própria escola, que facilitarão a prática educacional para com as crianças autistas. Pois, deste modo, os sentimentos de frustração, ansiedade e impotência que acometem os professores nesse processo não sejam frequentes. (OLIVEIRA, *et al* 2014).

PARCERIA FAMÍLIA/ESCOLA

O primeiro contexto em que a criança inicia sua socialização é na família. É a primeira célula social que se participa, nela se aprende valores, costumes, tradições, respeito, interação. Nesse contexto se reflete um relevante fator, que é o desenvolvimento humano, onde procura assegurar a continuidade e o bem-estar dos seus membros e da coletividade, incluindo a proteção e o bem-estar da criança. Podemos dizer, então, que a família tem um impacto significativo e uma grande influência no comportamento dos indivíduos, no modo de ver o mundo e a forma de construir as suas relações sociais. (CRUZ *et al*, 2010).

A família tem atributos diferentes a cada fase de seus membros. Dessa forma, deve ter um direcionamento para o bebê, para a criança, para o adolescente e para o adulto. Assim também, a escola deve direcionar suas atribuições para cada fase, da mesma forma que os indivíduos, no decorrer de sua existência, passam por um ciclo de diferentes fases, cada qual com características específicas, com interesses e necessidades próprias, a família e a escola também passam por fases diversas em função da idade de seus membros, os cuidados que necessitam e a estrutura que melhor os atende. Sendo assim, se o bebê, a criança, o adolescente tem diferentes características e necessidades, a família com crianças autistas também têm diferentes tarefas, expectativas e organizações para atender o relacionamento dessas, em cada uma dessas fases. A escola, da mesma forma, tem que cuidar desde o espaço físico ao professor contratado e às atividades programadas para cada etapa do desenvolvimento dos alunos autistas. A família enfrenta seus problemas para cada fase, assim como a escola também enfrenta suas dificuldades diante de cada etapa da vida de seus alunos. (ALVES, 2008).

A educação familiar bem fundamentada possui papel importante no desenvolvimento do comportamento produtivo do indivíduo. Além de uma educação familiar bem fundamentada, é de grande importância a inserção da escola na vida familiar do aluno. A família, por outro lado, deve proporcionar atenção e carinho à criança e deve assegurar um ambiente agradável para que a criança consiga, de maneira satisfatória, desenvolver suas habilidades.

Nesse sentido, segundo Franco (2004), é na família que o indivíduo inicia o seu processo de socialização. E, cabe a escola constituir uma etapa indispensável nas vivências do homem atual. E,

assim, indispensável à construção de formas de interação, onde estejam claramente delimitados os limites, a complementaridade e as funções de cada um: família e escola.

Portanto, essa relação entre a família e a escola torna-se um elemento funcional e dinâmico, constituindo-se como um elemento estruturante dos dois contextos. O envolvimento dos pais na vida da escola proporciona benefícios mútuos e variados: “[...] para o desenvolvimento e aproveitamento escolar das crianças, para os pais, para os professores e as escolas e para o desenvolvimento de uma sociedade democrática.” (NEVES, 2009).

Por tudo isso podemos afirmar que a família e a escola têm papel distintos uma da outra, mas no entanto, papéis esses que se complementam no processo de desenvolvimento e integração do indivíduo ao longo do seu percurso. Família e escola tornam-se os dois motores de aprendizagem e desenvolvimento para a criança, com papéis e competências específicas e complementares.

Para Cunha (2012, p. 93):

A escola está inserida na educação entre família e a sociedade, onde se adquire princípios e regras estabelecidas para o convívio. Ainda que seja normal existir em qualquer aluno posturas comportamentais diferentes em casa e na escola, no autismo, isto poderá trazer grande prejuízo. Por isso é necessário que os pais e os profissionais da escola trabalhem da mesma forma, estabelecendo os mesmos princípios que permitirão uma articulação harmoniosa na educação.

Nesse sentido pode-se afirmar que, tornar-se-á extremamente difícil o aprendizado da criança, quando a escola e a família não forem concordantes no trabalho, ocasionando uma postura diferenciada de uma das partes – mesmo que bem intencionada – quanto às práticas educativas. O ideal, em qualquer contexto educacional, é a liberdade mediada pela responsabilidade e os limites estabelecidos pela tolerância. (CUNHA, 2012).

Contudo, esta parceria família e escola deve ser mantida, uma vez que os pais acabam por serem os primeiros e mais conscientes “professores” dos seus filhos, fornecendo-lhes uma base emocionalmente segura e a motivação necessária para um melhor desenvolvimento, também a nível escolar. A importância do professor situa-se em nível do desenvolvimento de competências da criança autista. Este favorece um equilíbrio pessoal, o mais harmonioso possível, fomentando o bem-estar emocional, aproximando-as do mundo, promovendo relações interpessoais significativas, tendo presente que são sempre necessários modelos educacionais que permitam à criança a aquisição destas competências, não esquecendo as perturbações da interação social, comunicação, linguagem, atenção que estas crianças possam apresentar. (CRUZ e *et all*, 2010) . Assim, os vínculos afetivos construídos nesta relação revelam-se importantes e são de grande valia na aprendizagem da criança autista.

MÉTODO

Pode-se delinear esse estudo como sendo um Estudo de Caso, com base em atendimentos realizados pela pesquisadora, sob a supervisão de uma professora da instituição e da orientadora. O referido atendimento tem como paciente uma criança de 09 anos de idade, com Síndrome do Espectro Autista, cursando o 3º ano do ensino fundamental I em uma escola particular do município de João Pessoa.

O estudo analisou as percepções da família e da professora acerca do desenvolvimento cognitivo e psicossocial da criança autista, tendo como principal objetivo analisar como a parceria da família e escola pode contribuir no desenvolvimento cognitivo e psicossocial da criança. Portanto, participou desse estudo uma criança usuária do CAPp-UFPB, com diagnóstico de Atraso na linguagem e Autismo atípico CID – 10: F80; F84.

Para contemplar os objetivos da investigação foi realizada uma entrevista semi estruturada com a mãe e a professora da criança, contendo perguntas abertas, que possibilitou aos participantes exporem suas ideias, experiência, dificuldades e anseios no tocante à temática pesquisada. Abordaram-se questões subjetivas sobre a colaboração da família e escola, acerca do desenvolvimento escolar da criança autista, envolvendo temas como: relacionamentos entre pais-professor; pais-aluno; professor-aluno.

O processo de atendimento da criança foi desenvolvido na própria instituição, ou seja, no CAPp/UFPB. Foram realizadas dezoito sessões, uma por semana, com duração de 50 minutos cada, sendo 8 sessões no período de outubro de 2013 á fevereiro de 2014, e 9 sessões no período de maio a julho de 2014, totalizando 7 meses, onde foram utilizadas técnicas como: entrevista diretiva (anamnese) com a mãe, intervenção nas áreas cognitiva, afetiva e social hora lúdica, entrevista devolutiva com a mãe.

Em um segundo momento foi realizada uma entrevista semi estruturada com a mãe da criança e a professora da mesma. No encontro foi requerido às assinaturas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, baseado nos preceitos éticos vigentes para a realização de pesquisas com seres humanos, defendidos pela Resolução n. 466/12 do CNS/MS. O tempo utilizado para responder a entrevista foi de 10 a 30 minutos. Depois de respondida, foi agradecido ao participantes e esclarecido sobre a disponibilidade dos resultados da pesquisa, caso interessasse.

Os dados desse estudo foram analisados com base no laudo da criança, relatórios psicológicos, relatório pedagógico, história familiar e escolar, além dos atendimentos psicopedagógicos. Em um segundo momento, também analisou-se o conteúdo extraído de cada participante, conteúdo este interpretado de forma qualitativa através de instrumentos e procedimento de acordo com Bardin (2010).

RESULTADOS E DISCUSSÕES DOS RESULTADOS

O referido estudo teve como sujeito o paciente P. H. F. L., 09 anos de idade, aluno do 3º ano de uma escola particular do município de João Pessoa. A referida criança reside no bairro do Cristo Redentor, mora com a mãe e a irmã, seu pai não reside na mesma casa há um ano. A queixa principal é a seguinte: P. H. F. L. foi diagnosticado com Autismo e Atraso de Linguagem, aos quatro anos de idade e a partir do diagnóstico a mãe sempre buscou auxílio dos profissionais para que o mesmo, dentro de suas possibilidades, pudesse desenvolver suas potencialidades. PHFL entrou na escola com dois anos e meio, e a mãe observou algumas dificuldades da criança na escola, naquela ocasião. Apesar de PHFL ter se adaptado com facilidade. A queixa partiu da necessidade de se ter um acompanhamento psicopedagógico, para ajudar na sua motivação, pois a mãe relatou que o mesmo de uns tempos pra cá, está desmotivado para fazer suas atividades escolares, como também está muito disperso, que é natural diante do quadro patológico do aprendente.

O histórico do quadro atual (na família, na escola, no contexto social) do caso PHFL se caracteriza da seguinte forma: em casa PHFL tem um comportamento ótimo, mas em algumas situações, quando é contrariado, ele grita e agride as pessoas. Na escola ele se desenvolveu muito, atualmente está lendo e acompanha a turma no que diz respeito às atividades propostas; apesar de ser uma criança passiva, quando contrariada, ela agride e chora, pois o mesmo não gosta de ter limites. O infante possui algumas limitações devido às dificuldades ao seu desenvolvimento, explicável pelo seu quadro patológico. No contexto social, atualmente a criança está bem sociável e mais aceita pela sociedade, apesar de ter uma comunicação um pouco precária e limitações, ela conversa e interage com algumas pessoas, é uma criança amável e fácil de adaptar-se a novas amizades.

Quanto ao histórico familiar (antes e depois da intervenção), podemos caracterizar como se segue: antes da intervenção PHFL presenciou constantes desentendimentos entre seus pais, no ano de 2013, ano em que chegou para o atendimento psicopedagógico, nessa ocasião PHFL vivenciou a separação dos mesmos, isso mexeu muito com ele, pois sentia muita falta do pai, pois eram muito próximos. Ele chegava a indagar se ele havia morrido. Atualmente o pai de PHFL está mais próximo a ele e a sua mãe, apesar de ainda estarem separados, hoje ele dar um melhor suporte à família.

A evolução e condutas do paciente se deu paulatinamente, ao longo das sessões de atendimento psicopedagógico. Relataremos a seguir como se deu cada atendimento:

21/10/2013 – 1º Atendimento: Neste primeiro atendimento foi realizado a anamnese com a família, que teve como objetivo estabelecer o contato inicial com o histórico do paciente, através da escuta da mãe. Com esse instrumento (anamnese) pudemos coletar as informações necessárias

para e o primeiro contado com PHFL, elaborar as hipóteses diagnósticas. Portanto, ela foi de suma importância, para que pudéssemos fazer um diagnóstico confiável. Na anamnese, incluímos um registro da história pessoal, familiar e, além disso, problemas clínicos pertinentes ou incapacidades físicas que foram anotadas. A anamnese foi realizada com a mãe do paciente, no Centro de Atendimento Psicopedagógico da UFPB, teve duração de uma hora. A mãe mostrou-se espontânea ao responder as perguntas, durante a entrevista mostrou-se atenta e, muitas vezes, pode-se perceber o seu desabafo em alguns assuntos que dizia respeito à família, a mesma relatou que naquele momento estava se separando, então foi um pouco difícil em falar sobre este assunto. Mas no que diz respeito ao desenvolvimento do filho, desde o nascimento até os dias atuais, foi muito clara e objetiva, tentando da melhor forma me passar todas as informações necessárias para o atendimento.

04/11/2013 – 2º Atendimento: EOCA com a criança. Neste segundo atendimento e primeiro diretamente com a criança, foi realizada a EOCA (Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem), que tem como objetivo detectar os sintomas das dificuldades apresentadas; formular hipóteses sobre as causas das quais emergem os sintomas; observar seus conhecimentos, atitudes, destrezas, ansiedades, conduta etc. foi utilizado como materiais: papel ofício, papel colorido, lápis, borracha, canetas, tesoura, cola, revistas e livros. Pude observar que o mesmo tinha certa facilidade em conhecer pessoas novas, então me apresentei e logo em seguida pedi que se apresentasse, percebi que a criança tinha muita dificuldade na comunicação, mas o que ele falava pude entender bem. A partir daí mostrei os objetos que estavam sobre a mesa e pedi que ele me nomeasse alguns deles, ele me respondeu sem nenhum problema, mas não conseguiu interagir com nenhum deles, ficou “preso” somente em um quebra-cabeça, após monta-lo pediu-me para que ligasse o computador da sala, insisti um pouco para que se trabalhasse com os outros objetos, mas ele não quis. Então, propus para que desenhasse um computador, também não quis. Chegado ao fim do atendimento PHFL não conseguiu interagir com os objetos da EOCA, neste atendimento pude perceber que ele tinha uma paixão por computadores e jogos eletrônicos, então resolvi planejar todos os atendimentos em cima do que ele gostava, para que eu pudesse fazer este vínculo com ele, para assim poder trabalhar suas dificuldades.

11/11/2013 – 3º Atendimento: Trabalhando com as vogais (Quebra-cabeça, jogos eletrônicos). Neste terceiro atendimento, foi trabalhado com quebra-cabeças, com as vogais e com jogos eletrônicos que introduzia também as vogais. Este jogo teve como objetivo desenvolver a coordenação motora; reconhecer as vogais e associar com as figuras em destaque em cada ficha. Foi utilizado como matérias: um quebra cabeça com as vogais, folha de papel, lápis cera, computador. PHFL mostrou-se bem atento em montar o quebra-cabeça, não havendo nenhuma

dificuldade; após monta-los, sugeri que fizesse uma pintura com giz de cera nas figuras com desenhos das vogais, mas o mesmo teve uma rejeição, insisti, mas mesmo assim ele não quis, então introduzi um jogo eletrônico que trabalhava as vogais, pude perceber nessa atividade que ele tinha grandes habilidades em trabalhar com o computador, mostrou-se atencioso e feliz; em muitas vezes chegou a me pedir ajuda, segurando em minha mão para auxiliá-lo. Após o final do atendimento ele abraçou-me calorosamente. Pude concluir que com esse formato de atendimento psicopedagógico podia conquistá-lo ainda mais, para que assim pudesse fazer uma intervenção proveitosa.

18/11/2013 – 4º Atendimento: Trabalhando com o alfabeto (Sapateira alfabética). Neste quarto atendimento, foi trabalhado o alfabeto, este teve como objetivo o reconhecimento do alfabeto e reconhecimento da figura correspondente a cada letra. Utilizou-se como matérias: uma sapateira alfabética, envelopes de papel. Na sapateira havia um envelope com a figura correspondente de cada letra, dentro deste envelope havia letras soltas que formava a palavra correspondente à figura. Na primeira tentativa PHFL rejeitou a atividade, mas insisti um pouco e ele conseguiu realizá-la com êxito; após a atividade ele foi para o computador e foi trabalhado jogos com o alfabeto. Pude perceber que PHFL mostrou-se atento em realizar as atividades e empenhado em fazer certo. Neste atendimento falei sobre nossas regras, combinei com ele que sempre quando chegasse iria realizar a atividade que estava propondo, após realizá-la ele ficaria no computador, mas só poderia jogar com jogos educativos, ou seja, jogos que envolva alguma atividade que tivesse sido planejada e trabalhada.

25/11/2013 – 5º Atendimento: Trabalhando o alfabeto (Jogos eletrônicos). Neste quinto atendimento, foi trabalhado o alfabeto com junções de letras para formar palavras, este jogo teve como objetivo desenvolver as habilidades motoras e cognitivas da criança; utilizou-se como matérias: computador e DVD. Nesta atividade PHFL mostrou-se bem atento e entusiasmado em realizá-la, obtendo êxito em todas as etapas proposta pelo jogo.

02/12/2013 – 6º Atendimento: Trabalhando com as palavras (Lousa mágica). Neste atendimento foram trabalhadas letras do alfabeto na qual formariam palavras, teve como objetivo a associação da palavra formada em E.V.A com a palavra escrita e a figura correspondente a palavra. Foi utilizado com material uma lousa mágica, letras em E.V.A. e um computador. No início pedi que PHFL formasse a palavra ditada com as letras em E.V.A. depois de formada a palavra, ele a escreveu na lousa mágica e após escrevê-la teria que procurar a figura no computador correspondente a palavra escrita. Pude perceber que ele desenvolveu com êxito esta atividade,

consegui identificar sua escrita, que por sinal é bem legível, pude perceber também sua habilidade em forma a palavra sem muitas dificuldades.

10/02/2014 - 7º Atendimento: Trabalhando com as palavras (Jogos Eletrônicos). Neste sétimo encontro foram realizadas atividades que trabalhavam com letras e palavras, utilizou-se como materiais computador e DVD. Este jogo teve como objetivo desenvolver as habilidades motoras e cognitivas da criança, utilizou-se como matérias: computador e DVD. Nesta atividade PHFL mostrou-se bem atento e entusiasmado em realiza-la, obtendo êxito em todas as etapas proposta pelo jogo.

17/02/2014 – 8º Atendimento: Trabalhando a Criatividade (Pintura). Neste oitavo atendimento realizamos atividades que se trabalhou com a criatividade da criança. Esta atividade teve como objetivo colaborar para o seu desenvolvimento expressivo e para o desenvolvimento de sua criatividade, tornando-a um indivíduo mais sensível e que vê o mundo com outros olhos. PHFL realizou com sucesso esta atividade, mostrou-se muito participativo e criativo.

10/05/2014 – 9º Atendimento: Interação com a criança a partir de jogos eletrônicos. Neste nono atendimento foi realizado uma interação com a criança a partir de jogos eletrônicos, o mesmo foi bem receptivo, realizou as atividades propostas; neste atendimento foi reafirmado as nossas regras, combinei com ele que sempre quando chegasse iria realizar a atividade que estava propondo, após realiza-la ele ficaria no computador, mas só poderia jogar com jogos educativos, ou seja, jogos que envolvesse alguma atividade que tivesse sido trabalhada.

17/05/2014 – 10º Atendimento: Formação de palavras a partir de letras e figuras. Neste décimo atendimento foram trabalhadas letras do alfabeto na qual formariam palavras, teve como objetivo a associação da palavra formada em E.V.A com a palavra escrita e a figura correspondente a palavra. Foi utilizado com material letras em E.V.A. e um computador. No início pedi que PHFL formasse a palavra ditada com as letras em E.V.A., depois de formada a palavra, ele a escreveu e após escrevê-la teria que procurar a figura no computador correspondente a palavra escrita. Pude perceber que ele desenvolveu com êxito esta atividade, consegui identificar sua escrita, que por sinal é bem legível, pude perceber também sua habilidade em forma a palavra sem muitas dificuldades.

21/05/2014 – 11º Atendimento: Visita à escola de PHFL para aplicação de um questionário com a professora. Neste encontro foi realizada uma visita à escola da criança, de início foi feito um contato com a professora e marcado a visita. Ao chegar à escola a professora foi bastante receptiva, tivemos uma conversa informal, após a conversa foi aplicado um questionário com 14

questões contendo perguntas sobre o aluno e seu desenvolvimento cognitivo e psicossocial. A visita durou aproximadamente 1 hora.

30/05/2014 – 12º Atendimento: Trabalhando o alfabeto, a partir de formação de palavras simples e compostas. (jogos eletrônicos). Neste décimo segundo encontro foi realizado atividades que trabalhavam o alfabeto, a partir de palavras simples e composta. Esta atividade teve como objetivo desenvolver as habilidades motoras e cognitivas da criança utilizou-se como matérias: computador e DVD. Nesta atividade PHFL mostrou-se bem atento e entusiasmado em realiza-la, obtendo êxito em todas as etapas proposta pelo jogo.

06/06/2014 – 13º Atendimento: Trabalhando as palavras (Jogos eletrônicos). Neste décimo terceiro atendimento, foi trabalhado o alfabeto com junções de letras para formar palavras, esta atividade teve como objetivo desenvolver as habilidades motoras e cognitivas da criança; utilizou-se como matérias: computador e DVD. Nesta atividade PHFL mostrou-se bem atento e entusiasmado em realiza-la, obtendo êxito em todas as etapas proposta pelo jogo.

13/06/2014 – 14º Atendimento: Formação de palavras simples e compostas. Neste décimo quarto atendimento, foram realizadas atividades que trabalhavam com letras e palavras; utilizou-se como materiais letras em E.V.A. Esta atividade teve como objetivo desenvolver as habilidades cognitivas da criança e associação da das letras às palavras.

20/06/2014 – 15º Atendimento: Trabalhando as sílabas (Sapateira alfabética-silábica). Neste décimo quinto atendimento, foi trabalhado as sílabas; este teve como objetivo o reconhecimento das sílabas simples e complexas e reconhecimento da figura correspondente a cada sílaba. Utilizou-se como matérias: uma sapateira alfabética-silábica, envelopes de papel. Na sapateira tinha um envelope com a figura correspondente de cada sílaba, dentro deste envelope havia letras soltas que formava a palavra correspondente à figura. Na primeira tentativa PHFL rejeitou a atividade, mas insisti um pouco e ele conseguiu realiza-la com êxito, após a atividade ele foi para o computador e trabalhou jogos com o alfabeto. Pude perceber que ele mostrou-se atento em realizar as atividades e empenhado em fazer certo.

11/07/2014 – 16º Atendimento: Sílabas simples e complexas (jogos eletrônicos). Neste décimo sexto encontro foi trabalhado as sílabas simples e complexa, a partir de jogos eletrônicos que introduziam a temática. Esta atividade teve como objetivo desenvolver habilidades motoras, cognitivas e percepção visual das letras e palavras. Utilizou-se como matérias: DVD educativo, um computador, além de letras e palavras em E.V.A.

18/07/2014 – 17º Atendimento: Revisão de todas as atividades realizadas durante o estágio. Neste décimo sétimo encontro, ultimo com a criança, foi proporcionada a ela revisar algumas atividades durante seu tempo no atendimento psicopedagógico. Foi trabalhado no computador atividades como: escrever palavras simples e compostas, quebra-cabeças de palavras, jogo da memória, música e pintura. Este encontro teve como objetivo resgatar atividades anteriores e proporcionar a criança um momento de descontração.

25/07/2014 – 18º Atendimento: Devolutiva à família. Neste último atendimento, houve uma breve conversa com a mãe da criança sobre o estágio, e conseqüentemente, o desenvolvimento da criança, quais foram os avanços do infante a respeito das atividades realizadas. Foi entregue um relatório constando todas as atividades realizadas no estágio.

Também foi realizada uma entrevista com a mesma sobre questões referentes a criança e seu envolvimento com a escola. Teve duração de 50 minutos. Neste segundo momento foram coletadas informações, por meio de uma entrevista, que deu base para um melhor entendimento do que foi proposto no objetivo geral: analisar como a parceria da família e escola pode contribuir no desenvolvimento cognitivo e psicossocial da criança. Assim como o que foi pensado como objetivos específicos: conhecer a percepção da família e da escola acerca do desempenho escolar da criança; identificar quais as estratégias utilizadas para a integração família-escola no que diz respeito à comunicação. Na sequência, estão apresentados os conteúdos das entrevistas a partir das questões apresentadas.

Entrevista com a mãe

Quando indagada sobre como percebe o desenvolvimento cognitivo do seu filho e como o caracteriza a mãe respondeu-me que “[...] a cada dia vem se desenvolvendo, apesar de lenta pra sua idade, mas vejo que o trabalho que faço, junto com a professora e os demais profissionais, está dando certo, sua atenção melhorou muito, tem uma memória muito boa, que nos mostram de sua maneira; percebo que ele está aprendendo tudo que é lhe passado”.

De acordo com Cunha (2012), para a criança autista, de início, o que importa não é tanto a capacidade acadêmica, mas sim a aquisição de habilidades sociais e de autonomia. Então Camargo e Bosa (2009) nos dizem que, mesmo que a criança apresente deficiências cognitivas relevantes e apresente dificuldades em relação aos conteúdos do currículo da educação comum, como pode ser o caso do autismo, ela pode beneficiar-se de outras experiências como as sociais.

Também quando perguntada sobre como percebe o desenvolvimento psicossocial do filho e como o caracteriza a mesma, disse que: “[...] hoje bastante sociável, amoroso, carinhoso, não é muito de brincar com outras crianças, sempre foi assim, mas não agride como fazia antes, olha os

garotos brincar, às vezes brinca de correr com eles, porém as crianças não interagem com ele, na maioria das vezes prefere jogar com tablete, computador e celular, apesar de não interagir muito é perceptível, e o seu convívio social melhorou bastante com as pessoas”.

Camargo e Bosa (2009) nos afirma que para a criança autista, será muito mais proveitoso adquirir habilidades de coisas simples do dia-a-dia, como conhecer-se e estabelecer relações, podendo torná-las mais autônomas e independentes e assim conquistar seu lugar na família, na escola e na sociedade. De acordo com Santos e cols (2013), favorecer as crianças com autismo oportunidades de conviver com outras da mesma idade, possibilita o estímulo às suas capacidades interativas, impedindo o isolamento contínuo. Além disso, as habilidades sociais são passíveis de serem adquiridas pelas trocas que acontecem no processo de aprendizagem social. Entretanto, esse processo requer respeito às singularidades de cada uma.

No que diz respeito ao acompanhamento nas atividades escolares de seu filho, como o realiza, a mãe relatou que “[...] tem hora para fazer, sempre pela manhã, porém não o forço, ele não tem o interesse pela escrita, sendo muito difícil realizar essa atividade com ele, o de matemática é mais fácil, lê também está sendo fácil”.

Cruz e *et all*, 2010, nos diz que, os pais são os primeiros e mais conscientes “professores” dos seus filhos, fornecendo-lhes uma base emocionalmente segura e a motivação necessária para um bom desenvolvimento, também a nível escolar. Então é de grande importância que os pais participem da vida escolar de seus filhos e os incentive para que estes tenham segurança estímulos para aprender.

Quando indagada sobre sua participação na escola e a sua relação com a professora, a mesma relata que “[...] estou sempre presente, procuro interagir com a escola para melhor ajudar meu filho, minha relação com a professora é mais aberta possível, sabemos que devemos estar sempre em contato, pois ele não é uma pessoa que se comunica quando pergunto algo, então para mim fica difícil saber o que acontece na escola, por esse motivo tenho sempre que esta conversando com a professora, e ela comigo”.

Neves (2009) nos afirma que essa relação entre a família e a escola torna-se, um elemento funcional e dinâmico constituindo-se como um elemento estruturante dos dois contextos. O envolvimento dos pais na vida da escola proporciona benefícios mútuos e variados: para o desenvolvimento e aproveitamento escolar das crianças, dos pais, e dos professores.

Entrevista com a professora

Quando perguntado a professora sobre quais as atividades diferenciadas a escola oferece para os alunos com alguma deficiência ela me relatou que “[...] a escola promove meios para que estes alunos acessem ao conhecimento, baseado em uma perspectiva de escola para todos, os

professores encontram meios para ensinar todos os alunos independentes de suas necessidades físicas e psicológicas”.

Nesse sentido, segundo Oliveira e *et all* (2014), o professor terá um importante papel na vida dessas crianças, seu empenho pode fazer uma enorme diferença na vida deles, é pertinente que cada educador reavalie sua prática, observando os pontos fracos de seu aluno e colocar em prática as estratégias pertinentes às ações necessárias ao desenvolvimento dos alunos, inclusive os educandos com deficiência.

Quando indagada sobre quais os métodos e instrumentos utilizados com o aluno autista para que o mesmo venha a ter um bom desenvolvimento cognitivo e psicossocial, a mesma disse que “[...] o método mais utilizado é se trabalhar com a educação, pois a partir daí conseguiremos utilizar métodos mais eficazes de aprendizagem e assim poder favorecer um equilíbrio harmônico e promover o bem estar e aproximar a criança autista das outras crianças e do mundo exterior; além desse método, os instrumentos mais utilizados, primeiramente, foi a interação do professor-aluno, após conquistar o aluno, fui procurando instrumento que chamasse a atenção dele, como atividades diferenciadas, não só no papel e lápis mas com outros recursos”.

Então Basílio e Moreira (2014) nos fala que, mais do que a aprendizagem em si, é preciso se ater à qualidade de ensino oferecida. É necessário um plano de ensino que respeite a capacidade de cada aluno e que proponha atividades diversificadas para todos e considere o conhecimento que cada aluno traz para a escola. É fundamental se afastar de modelos de avaliação escolar que se baseiam em respostas pré-definidas ou que vinculam o saber às boas notas. Oliveira e *et all* (2014) acrescenta que, professores que atendem crianças autistas, tenham apoio externo e orientação por especialistas. É importante a troca de experiências, através de leituras informativas, debates e estudo de caso na própria escola, que facilitarão a prática educacional para com as crianças autistas.

Quando perguntada sobre o envolvimento da mãe do aluno na escola e como é o seu relacionamento com a mesma, a professora relata que “[...] o envolvimento da mãe do aluno na escola é bem participativa, temos uma boa relação, falamos sobre o desenvolvimento do aluno e trocamos conhecimentos; há uma relação de confiança entre nós duas”.

Neves (2009) diz que por tudo isso pode afirmar que a família e a escola têm papel distinto uma da outra, mas, no entanto, papéis esses que se complementam no processo de desenvolvimento e integração do indivíduo ao longo do seu percurso. Família e escola tornam-se os dois motores de aprendizagem e desenvolvimento para a criança, com papéis e competências específicas e complementares.

Também, quando perguntada sobre as estratégias que a escola utiliza para que haja uma boa comunicação entre pais e professores, a mesma relatou que “[...] recebemos os pais com prazer, sempre marcamos reuniões periódicas para esclarecer o desempenho de cada aluno, sempre

orientamos aqueles pais que seus filhos estão com dificuldades e mediamos as possíveis situações que possam vir a necessitar de ajuda. A parceria da família com a escola é fundamental, por isso pais e educadores precisam ser grandes e fiéis companheiros”.

Além da relação professor aluno, a escola deve acionar os familiares dos estudantes. É importante garantir momentos para que todos discutam a questão e possam pensar de forma conjunta, ações concretas para que o desenvolvimento escolar de cada criança aconteça. De acordo com Cruz e *et all* (2010), quando os pais participam das reuniões com os professores, dos eventos escolares e supervisionam as lições de casa, as crianças sentem-se mais motivadas, mais competentes, adaptando-se melhor à escola.

No caso relatado nesse estudo, verificamos a boa relação da escola com a família e que essa parceria tem resultados em benefícios no desenvolvimento da criança autista do estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que tange aos objetivos pretendidos no início do trabalho, de acordo com a análise e discussão dos resultados, chegamos a conclusão que é extremamente importante uma boa relação entre a escola e a família, principalmente no caso de crianças com autismo. Uma escola que privilegia o envolvimento da família e que utiliza estratégias que, sem dúvida, beneficiarão em última análise a própria criança.

Os filhos, cujos pais se envolvem nas atividades escolares, obtêm melhor aproveitamento. Quando os pais têm uma relação positiva com os professores, eles podem ajudar os filhos a terem um bom desempenho escolar e a escola só conseguirá ter um bom desempenho de seus alunos se mantiver uma articulação com a família, de modo a melhor conhecer e respeitar as limitações de cada criança.

Além do desenvolvimento cognitivo e também o psicossocial, que apesar das dificuldades na interação social, é visível a importância do apoio dos pais, pois quanto maior for esse acompanhamento melhor e maior será a interação da criança autista com o “mundo exterior” e melhor será o seu desempenho escolar enquanto ser sociável. Pelos dados recolhidos e analisados, no que toca a a colaboração entre pais e professores e a influência no desenvolvimento cognitivo e psicossocial da criança autista, chegamos à conclusão que realmente uma boa relação entre família e escola vai influenciar de forma positiva no desenvolvimento, tanto cognitivo quanto psicossocial da criança autista. O envolvimento entre pais e professores conduz ao sucesso dessas crianças

Quanto às contribuições deste estudo, este contribuiu de forma significativa para professores, pais e profissionais da área, especialmente da Psicopedagogia, visto que é uma área pouco explorada.

As limitações do estudo foram poucas, embora tenhamos alcançado os objetivos inicialmente propostos para o referido estudo, importa considerar as suas limitações. Sendo um trabalho de investigação foi inevitável encontrar algumas dificuldades, especialmente no que diz respeito ao tempo do estudo.

Em suma, considera-se que os resultados alcançados são bastante satisfatórios, uma vez que permitiu-nos dar respostas às questões levantadas, que motivaram a realização deste estudo. Portanto, colocamos como recomendações finais que, dada condicionalidade dos resultados obtidos, uma vez que se trata de um estudo de caso, propomos investigações futuras mais alargadas, considerando a temática possível de explorar, sendo os resultados destas investigações muito profícuos para a valorização das competências de qualquer criança que sofre desta perturbação: o Autismo.

REFERÊNCIAS

- ACAMPORA, Bianca. **Psicopedagogia clínica: O Despertar das Potencialidades**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Wak, 2013.
- ALVES, Ricardo de Andrade. **Interação família e escola: contribuições**. Disponível: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAfOEAF/interacao-familia-escola-contribuicoes>>. Acessado em Mai, 2014.
- ANDRADE, Ricardo de. **Interação família e escola: contribuições**. Disponível em: <http://www.ebah.com.br/content/ABAAAfOEAF/interacao-familia-escola-contribuicoes>. Acessado em: Jul. 2014.
- ASSENCIO-FERREIRA, Vicente José. **O que todo professor precisa saber sobre neurologia**. São Jose dos Campos - SP: Pulso, 2005.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2009.
- BASÍLIO, Ana; MOREIRA, Jéssica. **Autismo e escola: os desafios e a necessidade da inclusão**. Disponível em: <http://educacaointegral.org.br/noticias/autismo-escola-os-desafios-necessidade-da-inclusao/>. Acessado em: Jul. 2014.
- BRESOLIN, Paoline; ECCO, Idanir. **Pedagogia da alternância e casa familiar rural agroflorestal alto uruguai: uma prática de interações, saberes e aprendizagens**. Disponível em: http://www.reitoria.uri.br/~vivencias/Numero_010/artigos/artigos_vivencias_10/p8.htm. Acessado em: Jul. 2014.
- BRASIL. Ministério da Educação. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: Transtornos Globais do Desenvolvimento**. Brasília: MEC, 2010.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei 9394/96 de 20 de dezembro de 1996, que fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. **A Convenção sobre Direitos das Pessoas com eficiência**. Comentada / Coordenação de Ana Paula Crosara de Resende e Flavia Maria de Paiva Vital. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2008.

BRITO, Cristiane. **Inclusão social da criança autista na sociedade** – PROJETO AMPLITUDE

CAMARGO, Sígla Pimentel Hoher; BOSA, Cleonice Alves. Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura. **Psicol. Soc.** vol.21 no.1 Florianópolis Jan./Apr. 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822009000100008&script=sci_arttext. Acessado em: Jul. 2014

COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús; *et al.* **Desenvolvimento psicológico e educação: Transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais** Vol. 3. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

CRUZ, Carla; PEREIRA, Cátia; FERREIRA, Crisálida; SANTOS, Hugo; RIBEIRO, Mariana. Criança Autista: Pais e Professores – Uma Parceria de Sucesso no Desenvolvimento de Competências. 2010 **Millenium**, 39: 89-107. Disponível em: <http://www.ipv.pt/millenium/Millenium39/6.pdf>> Acesso em: 28 mar 2014.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Wak, 2012.

FRANCO, Sandra Magalhães. Família e escola: Construindo uma parceira. Disponível em <http://www.avm.edu.br/monopdf/1/SANDRA%20MAGALHAES%20FRANCO.pdf>. Acessado em Mar 2014.

IARA Maria de Farias; RENATA Veloso de Albuquerque Maranhão; ANA Cristina Barros da Cunha. Interação professor-aluno com autismo no contexto da educação inclusiva: análise do padrão de mediação do professor com base na teoria da Experiência de Aprendizagem Mediada (Mediated Learning Experience Theory). **Rev. bras. educ. espec.** vol.14 no.3 Marília Sept./Dec. 2008

NEVES, Amândia Rosa de Jesus Lopes. A Problemática da relação Escola/Família e a Integração de Crianças com NEE. Disponível em <http://bdigital.unipiaget.cv:8080/jspui/bitstream/10964/50/1/Am%C3%A2ndia%20Neves.pdf>. Acessado em Mai, 2014.

OLIVEIRA, Márcia Paiva de; PATERRA, Marcos Tadeu Garcia; CAVALVANTE, Jéssica Roberta de Souza. Autismo infantil: desconstruindo paradigmas para incluir. In: OLIVEIRA, Márcia Paiva de; PALITOT, Mônica Dias; COLELLA, Tânia Lúcia Amorim. **Formação docente na tessitura da psicopedagogia: dificuldades e transtornos**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014.

RODRIGUES, Janine Marta Coelho; SPENCER Eric. **A criança autista: um estudo psicopedagógico**. Rio de Janeiro: wak, 2010.

SANTOS e COLS. **O Autista no contexto escolar**. Disponível em: <http://psicologado.com/atuacao/psicologia-escolar/o-autista-no-contexto-escolar>> Acessado em: Jul. 2014.

SERRA, Dayse. Autismo, família e inclusão. **Polêmica**, v. 9, n. 1, p. 40 – 56, janeiro/março 2010. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:-GUaAJaSl8cJ:www.e>

publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/download/2693/1854+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br Acesso em: 28 mar 2014.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa; GAIATO, Mayra Bonifácio; REVELES, Leonardo Thadeu. **Mundo singular: entenda o autismo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

TUCHMAN, Roberto; RAPIN Isabelle. **Autismo: abordagem neurobiológica**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

APÊNDICE

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM A MÃE

- ✓ Sobre o desenvolvimento cognitivo do seu filho, como o caracteriza?
- ✓ Sobre o desenvolvimento psicossocial do seu filho, como o caracteriza?
- ✓ Sobre o acompanhamento nas atividades escolares de seu filho, como o realiza?
- ✓ Como é a sua participação na escola e a sua relação com a professora?

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM A PROFESSORA

- ✓ A escola oferece atividades diferenciadas para os alunos com alguma deficiência?
- ✓ Quais os métodos e instrumentos utilizados com o aluno autista para que o mesmo tenha um bom desenvolvimento cognitivo e psicossocial?
- ✓ Como é o envolvimento da mãe do seu aluno autista na escola e como é a sua relação com a mesma?
- ✓ Quais as estratégias que a escola utiliza para que haja uma boa comunicação entre pais e professores?

WILMA KARLA DOS SANTOS RIBEIRO

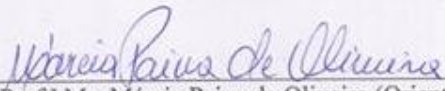
FAMÍLIA E ESCOLA – UMA PARCERIA NECESSÁRIA AO DESENVOLVIMENTO DA
CRIANÇA AUTISTA

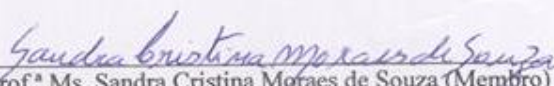
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado de Psicopedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Psicopedagogia.

Orientador(a): Prof.^a Ms. Márcia Paiva de Oliveira

Aprovado em: 18/08/2014.

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Ms. Márcia Paiva de Oliveira (Orientador)
Universidade Federal da Paraíba


Prof.^a Ms. Sandra Cristina Moraes de Souza (Membro)
Universidade Federal da Paraíba